

De surpresa, Metá Metá lança terceiro disco de inéditas com download gratuito

rollingstone.uol.com.br

Mai 25º, 2016

Sem muitos avisos, o Metá Metá lançou nesta quarta-feira, 25, o terceiro disco da carreira. Batizado apenas como *MM3*, o álbum dá sequência a *Metá Metá* (2011) e *MetaL MetaL* (2012) e foi disponibilizando para download gratuito no site oficial da banda.

Além do trio que compõe a formação base da banda - Kiko Dinucci na guitarra, Juçara Marçal nos vocais e Thiago França no saxofone -, o Metá Metá foi acompanhado novamente por Marcelo Cabral (baixo) e Sergio Machado (bateria). Rodrigo Campos e Siba são as únicas participações externas, assinando faixas como cocompositores.

MM3 foi gravado em apenas três dias no estúdio Red Bull, em São Paulo, por Rodrigo Funai e o assistente Diego Saints, com o próprio trio assinando a produção. “Fazemos assim desde o primeiro disco”, explicou o guitarrista, Kiko Dinucci, em entrevista recente à *Rolling Stone Brasil*.

“Nossa desculpa era gastar menos dinheiro, mas desta vez tivemos à disposição o [estúdio] Red Bull e até daria para ficar mais tempo”, disse. “A ideia, contudo, era deixar a banda afiada e resolver tudo rápido, ao vivo, com dois ou três takes. É uma questão de desapego: não temos a pretensão de fazer um disco perfeito, de estar com tudo certo.”

“Não temos a pretensão de fazer um disco perfeito, de estar tudo certo”, admite o guitarrista. “Nós erramos, tem horas que eu enrosco o dedo e tal, mas mexemos pouquíssimo. Acho que falta desprendimento às pessoas.

Querem cantar 100% afinado, fazem vários takes e no fim montam um Frankenstein que acaba não passando uma verdade. Nós encaramos como uma Polaroid daqueles dias mesmo.”

MM3 (capa abaixo) é resultado direto do caminho do grupo até aqui. A formação é praticamente de uma seleção - Dinucci, por exemplo, trabalhou no último disco de Elza Soares, a vocalista Juçara Marçal lançou há dois anos o aclamado *Encarnado* e Thiago França é um dos mais renomados nomes do sopro na capital paulista.

O trio forjou uma identidade intimamente ligada aos palcos, a partir do segundo álbum, *MetaL MetaL* (2012). “Nos shows, passamos a mudar muito as músicas, deixando-as mais fortes, elásticas, improvisadas, e a essa altura ganhamos um espírito de liberdade e de agressividade do ao vivo ao qual fomos fiéis nesse disco”, afirma Dinucci.

Além de soltas e “jazzísticas”, as novas canções tiveram mais influência de Juçara e França na composição. “No *MetaL MetaL* eu cheguei com músicas prontas, minhas ou parcerias, e fizemos arranjos juntos”, conta o guitarrista. “Desta vez, começamos do zero, compomos juntos, improvisando até alguém chegar com uma letra.”

MM3 começou a surgir no fim de 2015 e foi “contaminado” por uma visita da banda ao Marrocos. “Tivemos uma experiência interessante de tocar lá na rua, conhecer outros músicos”, comenta Dinucci, que diz ter começado a “brincar com as escalas árabes”. “É outro mundo e tem algo parecido com a gente. É uma cultura muito misturada, oriental e mais rústica. É um choque mesmo.”

Um dos guitarristas mais prolíficos, originais e respeitados da cena paulistana, Dinucci diz que não teme se repetir nos diversos projetos de que participa. “O que acontece é que um projeto influencia o outro”, afirma. “Não que vá ficar igual. Fugimos de não fazer um disco igual ao *MetaL*

MetaL. Na turma toda sempre acontece isso: o primeiro do Passo Torto em nada tem a ver com o segundo, por exemplo. Fazer os discos é fácil, o foda é tocar quatro shows na mesma semana - como que vou decorar tanta coisa?”

“O som está mais sombrio, misturado. Tem influência do deserto, mas ao mesmo tempo está caótico, paulistano”, teoriza Dinucci sobre *MM3* (o nome do álbum foi dado de acordo com o “assunto” das trocas de e-mails do trio).

“O Metá Metá não é uma banda solar, de vestir uma camisa floral, beber caipirinha e ficar curtindo. O Metá Metá é de se jogar no show, de pular, de dançar candomblé.”

O Metá Metá apresenta o novo disco com shows em Porto Alegre (Bar Opinião), no dia 4, e no Rio de Janeiro (Circo Voador), no dia 10 de junho.

Em 'Gira', Grupo Corpo se inspira em Exu e dança ao som de Metá Metá

www1.folha.uol.com.br

Agosto 4º, 2017

É no palco nu, preto, riscado por feixes de luz que o Grupo Corpo busca a ligação entre o espiritual e o terreno.

"Gira", coreografia que a companhia mineira estreia nesta sexta-feira (4), abrindo a temporada de dança do teatro Alfa, é uma ode aos ritos da umbanda, em especial à figura de Exu, considerado o orixá mais humano.

A proposta da temática veio do trio Metá Metá, convidado pelo Corpo a criar a trilha sonora do espetáculo.

"Talvez por Exu ser a energia que faz os corpos se moverem, é o deus da dinâmica e do movimento, pensamos nos bailarinos e bailarinas", explica Kiko Dinucci, que integra a banda ao lado de Juçara Marçal e Thiago França.

Foram três versões do disco até chegarem ao resultado final, "para que a gente não focasse só a música e deixasse espaço aos demais elementos do espetáculo", diz Kiko.

"Tivemos que pensar a composição de um modo diferente [do que fazem com os discos], com as ideias se desenvolvendo com mais calma."

A música do trio, uma mescla de influências africanas e jazzísticas, contou com as participações de Nuno Ramos (autor de uma das letras) e de Elza Soares, que canta em duas faixas. Sua voz rouca prenuncia os ritos de Exu: "chão, céu, caos".

Gira

Na pesquisa de "Gira" (nome dado às rodas de culto a entidades da umbanda), os irmãos Rodrigo e Paulo Pederneiras, respectivamente coreógrafo e diretor do Corpo, incluíram visitas a terreiros.

"Eu era um ignorante total e absoluto [da umbanda]. Agora sou um frequentador assíduo", diz Rodrigo, que ainda hoje continua a visitar terreiros de Belo Horizonte.

Mas, em "Gira", o coreógrafo evitou ser literal nas referências a ritos. "Seria muito óbvio se eu começasse a usar, por exemplo, dança afro. É uma tentação. Na verdade, a gente foi pegando pequenas coisas de cada entidade."

Os movimentos tradicionais do Corpo, como o quadril quebrado e os pés rápidos, continuam lá. Mas são pincelados por gestos de matiz afro-brasileira, como um impulso de ombros e tronco. Há ainda momentos que lembram um transe, acompanhados de um solo do sax de França.

Para esse terreiro de dança, Paulo buscou uma cenografia limpa, "praticamente o nada", como define. O palco preto é pontuado apenas por luz.

Já os bailarinos nunca saem completamente de cena. Quando não estão dançando, sentam-se em cadeiras ao fundo e nas laterais do palco, cobrindo-se com um véu preto. Sobre suas cabeças, uma lâmpada marca suas posições.

"Ali é o plano da escuridão, das trevas", afirma Paulo. "Quando as entidades [representadas pelos bailarinos] são convidadas para essa gira, para essa festa, saem dali e dançam na zona de luz."

No programa -que depois de São Paulo segue para o Rio (23 a 27/8), Belo Horizonte (2 a 6/9) e Porto Alegre (7 e 8/10)- também será apresentada "Bach", coreografia de 1996.

Com versões de Marco Antônio Guimarães para composições de Johann Sebastian Bach (1685-1750), o espetáculo reúne os barrocos alemão e mineiro, mesclando tons de azul, preto e dourado sobre o palco e os figurinos e com os bailarinos se pendurando em estruturas metálicas, semelhantes a tubos de um órgão, que pendem do teto.

AREJAR

Ainda à frente das criações do Corpo, Rodrigo anunciou há três anos que irá "passar o bastão". A bailarina Cassi Abranches, sua nora, é cotada para assumir. Mas isso não significa um desligamento do grupo, afirma o coreógrafo.

"Não quero parar de trabalhar totalmente. Mas estou ficando velho, estou com 62 anos. Está na hora de trazer gente nova. Tem que arejar", diz ele, que passou por duas cirurgias no joelho direito e uma no esquerdo.

Gira

Aos 42 anos, a companhia também vem se equilibrando para manter o orçamento anual de R\$ 15 milhões -R\$ 10 milhões de patrocínios e o restante de recursos próprios.

Com a crise na Petrobras, que por muitos anos foi a única patrocinadora do Corpo, a estatal vem reduzindo desde 2013 a verba destinada ao grupo. Hoje a empresa e o governo do Estado de Minas Gerais dividem igualmente 60% da receita de patrocínios.

"A gente passou por um período complicado. Não está fácil, mas deu para dar uma respiradinha", diz Rodrigo.

No fim de 2016, a companhia buscou outro filão. Deu início ao programa Amigos do Corpo, no qual pessoas físicas podem fazer doações ao grupo e abater o valor do imposto de renda. Segundo Paulo, o mecenato já rende um

retorno, ainda que tímido.

A jornalista **MARIA LUÍSA BARSANELLI** viajou a convite do Grupo Corpo.

GIRA

QUANDO qua. e qui., às 21h; sex., às 21h30; sáb., às 20h, dom., às 18h; até 13/8

ONDE Teatro Alfa, r. Bento Branco de Andrade Filho, 722, tel. (11) 5693-4000

QUANTO R\$ 50 a R\$ 160

CLASSIFICAÇÃO 14 anos



Sávio Vilela

Escreve sobre qualquer assunto que for motivo de assunto.

Dec 15, 2014

Disponível em: <https://medium.com/d-e-s-o-va/o-eixo-fora-da-curva-de-kiko-dinuucci-8e5aaff7188>

O eixo fora da curva de Kiko Dinucci

Música caipira, samba, metal, punk, noise, África, Brasil e independência artística. Tudo numa extensa entrevista.

O paulista Kiko Dinucci é um eixo. O músico pode evitar falar em protagonismos — e de fato boa parte de seu trabalho se apoia em parcerias —, mas é difícil não notar que em torno dele giram e giraram alguns dos projetos mais interessantes da música brasileira atual: Juçara Marçal, Passo Torto, Metá Metá, Padê, Bando Afromacarrônico... Sozinho ou acompanhado, Kiko passa boa parte do tempo metido na criação de uma música brasileira fora da curva, de uma música que, nas palavras dele, “não seja inofensiva”.

Pelo canal criativo do sujeito passam matrizes musicais de tudo quanto é tipo. Praticamente qualquer coisa em que o músico se esbarrou ao longo dos seus 30 e uns tantos anos: samba rural, música africana, moda de viola, punk rock, pós-punk, samba paulista, samba carioca... Tudo sintetizado com a naturalidade e a sutileza de quem padeceu quase espiritualmente para encontrar (e continuar procurando) a própria identidade.

Se quiser conferir isso, basta ouvir o mais recente produto que tem a mão do músico: *Encarnado*, disco da cantora e também parceira de Metá Metá Juçara Marçal — lançado no início deste ano e aclamado como um dos grandes álbuns de 2014. ([Baixe o disco gratuitamente aqui](#))

Até idos de 2007 e 2008, eu nunca tinha ouvido falar de Kiko Dinucci e do trabalho dele. Eu estava ocupado demais sendo editor do canal de música de um grande portal de notícias e, triste e ironicamente, não tinha tempo para saber o que havia de interessante na música naqueles dias.

Kiko, àquela altura, fazia já há uns anos um fuzuê semanal com o seu Bando Afromacarrônico, no Ó do Borogodó, reduto do samba e do choro no bairro de Pinheiros, em São Paulo. Como morava em Guarulhos e saía tarde do samba — e tinha comigo um amigo em comum com quem eu dividia um apartamento a poucos metros do Ó -, em algumas dessas quartas-feiras ele se estabacava no nosso sofá. E foi assim que eu conheci o guarulhense e sua música.

Pouco depois fui me dar conta de que eu já conhecia a música de Kiko Dinucci. No entanto, de um jeito bem diferente de como era em 2008: Kiko tinha sido, nos anos 90, guitarrista da banda punk hardcore Personal Choice, hoje um clássico do estilo. E mais tarde foi fazer barulho indie no Nitrate Kid.

Eu sempre quis entender como se deu essa sua trajetória partindo do punk, passando pelo samba, até as invenções

elétricas afrobrasileiras que faz hoje. Em março, na época do lançamento de *Encarnado* de Jussara Marçal, liguei para ele e batemos um papo dos bons sobre esse percurso, sobre música brasileira e africana, sobre ser um artista fora da curva e mais um bocado de coisas.



Foto: Gina Dinucci

Uma coisa que eu gostaria de entender: como é que você sai do hardcore straight edge do Clear Heads e do Personal Choice, passa pelo indie rock do Nitrate Kid e vai parar no samba?

Tudo começa mais ou menos nessa época mesmo. Eu tinha uma outra banda, o Electric Sickness, que tinha uma sonoridade bem diferente dessas outras bandas em que eu tocava. Se você pegar o Clear Heads e o Personal Choice, você vai ver que eles trabalhavam com três ritmos. Que é aquele hardcore corrido: tu-ca-tu-ca-tu-ca [canta], o punk rock mais tuntuntá [canta de novo] e o máximo que chega é numa batida que é super clichê no

rock 'n' roll inteiro, que o hardcore novaiorquino usa muito, aquela batida no ton-ton: tuntun-ta tugundun tuntun-ta [canta novamente]... Aquela bateria que o Guns 'n' Roses usa em "You Could be Mine". Guns 'n' Roses, Sonic Youth... Um monte de banda usa. No Electric Sickness, eu fui para a bateria. Eu tocava guitarra no começo, mas a banda ficou sem baterista. Como nos ensaios do Personal Choice eu pegava a batera e ficava ali brincando, eu comecei a tentar mexer com outros ritmos no Electric Sickness. Se você ouvir aquela coletânea da Juventude Libertária [N.: organização anarquista de jovens punks, que lançou em 1994 a coletânea em vinil 7" *The AYF's Band's Crew*], você percebe que a batida da música é meio Caetano Veloso. É a batida de "Outras Palavras", do Caetano Veloso.

Mas foi acidental, imagino.

Foi, foi acidental. Mas também era porque eu já estava ouvindo, já estava ouvindo um monte de coisas diferentes de rock: Caetano, Mulheres Negras... Já estava cansado do punk ter um ritmo fechado. Nessa época, fiquei tentando experimentar coisas diferentes com o Electric Sickness. Quando a banda acabou, a gente montou o Nitrate Kid. Eu já tinha saído das outras bandas de hardcore, meio por esse motivo... Por vários motivos, tanto pela discordância musical quanto por não aguentar mais tanta regra, aquela coisa que era o straight edge na época... Daí, eu e o Washington, o Bebaça, a gente gostava de rock que não era exclusivamente punk ou hardcore. A gente ouvia rock dos anos 60, a gente ouvia Husker Du, pós-punk, Jesus and the Mary Chain, Pixies. Então montamos o Nitrate Kid sob essas influências. No começo, estava tudo certo. Legal. Mas logo

comecei a ficar enjoado, a me questionar “porra, será que vale a pena ficar copiando os caras? É sempre assim: montar uma banda que parece outra coisa?”. Tudo você que você fizer vai ter a referência ali, mas começou a me encher o saco. Na época, estava surgindo o Mangue Bit, e comecei a pensar muito nisso: “porra, o Chico Science conseguiu achar um jeito dele de fazer rock que nenhum gringo conseguiria.” Aí, dentro do Nitrate Kid, eu tentei enfiar umas coisas que não foram muito aceitas: ritmos mais complexos, samba, letras em português, o que causou horror... Não me deixaram fazer letras em português, então peguei um dicionário de kimbundu, de Angola. Fiz uma música em kimbundu, tudo escrito errado, mas valia tudo para evitar o desespero de ter que cantar em inglês. Daí a banda foi por água abaixo porque eu fui por um lado e a banda foi por outro. Muitas discordâncias. E eu já estava ouvindo música brasileira pra cacete. Foi meio que um caminho sem volta. E fui por um caminho solitário, fiquei alguns anos ouvindo disco em casa. Eu comprava aquela coleção da Abril em vinil chamada Música Popular do Brasil, que vinha com fascículos. Tinha tudo nessa coleção, tinha Roberto Carlos, Chico Buarque, Noel Rosa, Moreira da Silva... Tinha as pérolas da velha guarda. Mas tinha também Jards Macalé. Com essa coleção, veio tudo.



Kiko Dinucci em tempos de Electric Sickness (Arquivo pessoal de Washington de Souza)

Isso depois do Nitrate Kid?

Durante. Eu já estava nesse processo. Acho que foi dos meus 16 aos 18 anos. Aí comecei a perder os preconceitos, a perder a cabeça de roqueiro (“se você curte isso, não pode curtir tal coisa”). Comecei a ouvir cada vez mais coisas: jazz, música clássica... Mas essa coleção da Abril foi um negócio impressionante porque, além da música, tinha os textos. Você lia, sabia das histórias, descobria quem era o compositor, com quem ele cantava... Tinha texto do José Ramos Tinhorão, Tárík de Souza.... Daí quando chegou no Nelson Cavaquinho me deu um estalo de que aquilo poderia ser mais rock do que o rock propriamente dito. Estava num período muito estranho do rock, em que tinha estourado a cultura clubber e o rock estava super em crise. Kurt Cobain já tinha dado um tiro na cabeça, tudo estava virando eletrônico... E eu gostava de música eletrônica também, eu frequentava os lugares, eu gostava do movimento. Gostava de ver o movimento do pessoal do rock indo para a cultura eletrônica, para experimentar coisas novas... A música eletrônica não tinha canção, eram música difíceis, embora não chegasse num resultado muito inovador, tinha muita coisa instigante. Eu lembro que em 1994 eu comprei uns discos de jungle e aquilo lá era o negócio mais novo que eu tinha ouvido nos últimos tempos. Aquela bateria de jazz toda quebrada, aquele baixo e os jamaicanos cantando em cima... Depois virou drum ‘n’ bass, um negócio reto, com batidas retas... Mas eu lembro que o rock estava muito em crise e quando eu ouvi o Nelson Cavaquinho eu disse: “puta que pariu! Olha o jeito que esse cara canta e toca! Toca com dois dedos, com um jeito bruto!”. Comecei a pensar muito em como o rock estava meio

gasto ou morto, não sei... Até hoje não consigo ver nada muito inovador, é sempre uma reprodução de alguma coisa dos anos 60 ou dos anos 80... E comecei a estudar essa coleção da Abril, a tirar músicas em casa e a aprender um pouco de harmonia e melodia. Coisa que o rock não também não me possibilitava porque o rock é muito baseado em riff, né? Então passei pelo samba como se fosse um curso de música. Eu conheci um senhor no ônibus, uma vez lá em Guarulhos... Ele não era um senhor, ele tinha uns 40 e poucos anos. Ele me viu com um disco de samba na mão, um disco da Elizete Cardoso que eu ia emprestar para um amigo da escola. Eu estudava no Brás na época e estava indo de Guarulhos para São Paulo. O cara falou: “ô, moleque, que disco é esse aí? Roubou da sua mãe?”. Eu disse: “não, eu curto”. Comecei a trocar uma ideia com o cara e ele me convidou: “cola um dia no Clube da CMTC, perto da Armênia, que tem uma roda de samba lá.” E eu fui. Eu tive muita sorte porque cheguei lá e tinha muita gente boa. Tinha o Douglas Germano, com quem eu formei o Duo Moviola depois. Tinha uns compositores bons lá e era um negócio bem despretensioso. A ideia era jogar bola na várzea lá e todo mundo levava instrumento para fazer um samba depois, mas não era regra. Às vezes, nem rolava a roda de samba. E lá eu aprendi muita coisa. Era aquela coisa de sair tocando e aprender a música na hora. Foi uma puta escola de música para mim.



Foto: Ariel Maritni

Mas com o tempo eu comecei a entrar em crise de novo. Quando comecei a tocar samba, rolava um boom de retorno ao samba: Quinteto Branco e Preto, Samba da Vela, todo aquele pessoal... Eu não conseguia me enquadrar. Muito porque era uma coisa muito de paulistano tocando samba carioca, o samba paulistano mesmo não era tocado nessas rodas. E eu estava mais interessado no samba paulista, em gente como o Paulo Vanzolini. Gostava muito daquelas narrativas do samba paulista. E, por exemplo, o Vanzolini era um cara que viajou pela Amazônia, pelo Brasil inteiro, que não só pegou coisa do caipira, mas do sertanejo, do nortista e do nordestino e botou na música dele. E só você pegar o Luiz Tatit, você vê que ele também conta histórias, tem uma coisa caipira no jeito como ele conduz a narrativa. Não digo na sonoridade. Eu sempre me identifiquei com isso. Isso era uma coisa que me afastava do samba. Eu queria essa narrativa. O samba carioca depois dos anos 80 não tinha mais essa narrativa. No começo ele tinha uma narrativa

muito própria, o Moreira da Silva, Geraldo Pereira, Wilson Baptista, Noel Rosa... Esses caras eram cronistas, contavam histórias. Os primeiros discos do Paulinho da Viola têm histórias maravilhosas: “Comprimido”, “Coisas do Mundo, Minha Nega”... Sambas que fazem você parar para ouvir histórias e fica besta. Então passei a me interessar muito pelo samba rural, ele era mais livre, eu podia experimentar outras batidas no violão que não era do samba carioca. E eu comecei a prestar atenção em outras coisas, para fugir um pouco... Por conta disso, depois um tempo, fui procurar outros cantos, já que eu não me encaixava mais naquela roda de samba. Consegui um espaço, às quartas-feiras no Ó do Borogodó. Juntei uma turma e tocávamos outras coisas que não era samba carioca. E de repente começou a virar um negócio lá pra dançar. A gente começou a colocar outras coisas no repertório que não eram só samba: umas macumbas. Eu estava fazendo o documentário, na época, o Dança das Cabaças, e estava impregnado dessa cultura. Comecei a brincar com outros ritmos, africanos, latinos.... O Júlio César, que era o percussionista na época, gostava muito de música cubana, a gente ficava sempre misturando coisas caribenhas no meio. E começou a dar certo. O Douglas Germano entrou logo depois. Ele era super sambista, mas tinha experiência de música de teatro, o que fazia com que ele tivesse uma desenvoltura maior do que a de um sambista convencional. Daí começamos a compor juntos, começamos a fazer uma bagunça que virou o som do Bando Afromacarrônico, que você ouve disco e você não sabe bem o que que é. Tem o samba ali em todo momento, mas não é um disco de samba nem ferrando. E uma coisa que eu comecei a perceber lá no Ó do Borogodó é que tinha muito

violonista bom que tocava lá. Violonistas virtuosos, alguns dos melhores do Brasil. Eu olhava aquilo e pensava: “meu, eu nunca vou tocar assim, o que eu posso fazer?!”



Kiko e o Bando Afromacarrônico numa quarta-feira dançante do Ó do Borogodó (Foto: Carolina Miranda)

Eu estava ouvindo muito Miles Davis na época, os discos da fase elétrica. E a coisa da música modal começou a tomar conta. Comecei a pensar música de um jeito mais modal e o Itamar Assunção, o Tom Zé me influenciaram muito nisso também... Eu ouvia a música do Tom Zé, a primeira do Estudando Samba, “Mã”. Ela fica sempre num mesmo fraseado. Ela tem contrapontos, contra-cantos... E isso me ajudava a pensar duas coisas: como botar na roda toda a bagagem que eu tinha aprendido de samba... Na verdade, eu nem falo samba, eu falo em música brasileira. Na hora que a música popular, a música de rua, vai para o rádio... Música popular do mesmo jeito que você ouve um maracatu rural em Pernambuco, ou um congado em Minas... Aquilo é popular, é um cara anônimo que não quer ser artista, é um trabalhador que vai num festejo e canta. Aquilo é uma expressão puramente popular. No começo da história radiofônica brasileira, a música era assim, depois que foi tomando forma de orquestra, de cantores e virando outro

formato. Mas, no início, o popular propriamente dito era muito próximo da música que tocava na rádio... Eu gostava e pensava muito nesse popular, mas sabia que não seria capaz de reproduzir — mesmo quando a gente do Bando Afromacarrônico fazia o samba rural, a gente não tinha pretensão nenhuma em reproduzir que o cara de Piracicaba tocava, o que o cara de Tietê tocava. Eu sabia que se quisesse fazer feito o cara eu tinha que cortar cana feito ele, tinha que ter a mesma vivência, tinha que perder os dentes igual ele... Não dava para fazer isso. Eu me irrito um pouco com isso, quando tem um cara com outra formação e vai tentar imitar o caboclo, costuma dar tudo meio errado. Parece uma apropriação, vão se apropriar da única coisa que o cara tem ali. É estranho. E é a mesma coisa com o rock. Também não consigo me apropriar do rock: vai soar estranho. Dessa forma, você começa a buscar seu jeito pessoal de fazer as coisas. Então, a coisa era: usar a bagagem de toda essa música de rádio que eu ouvia, usar também a bagagem dessa música popular que eu sempre fiquei muito de olho... Principalmente a de São Paulo, como as congadas, os batuques de umbigada... Eu prestava muita atenção nisso. Para mim, era como ouvir um disco da Clementina de Jesus, ela era mais próxima do popular, não era uma cantora de rádio. Voltando: a coisa era unir toda essa bagagem e conciliar com a minha falta de habilidade de tocar aquele violãozinho brasileiro, cheio de acordes, pós-bossa nova, super difícil, com caminho harmônicos complicados... Eu não conseguia fazer tudo isso. Então, esses discos do Itamar, do Tom Zé, do Miles Davis começaram a me levar de volta para o rock, para a época que eu fazia riff. Porra, riff eu sempre soube fazer. Voltei a fazer riffs, tocar sambas, mas com riffs ao fundo.

Fui fazendo sambas simples que teriam dois acordes, mas que desse para fazer riffs super legais que pudessem ser repetidos e fazerem o pessoal dançar. Depois fui notar que isso era muito comum na música africana: o cara fazia um riffzinho na guitarra e ficava tocando 15 minutos aquilo lá. E a banda não cai, o andamento não cai. Comecei a prestar atenção e algo de diferente foi surgindo e me deu um norte para o trabalho todo.

A partir daí, as coisas passaram a fazer muito sentido: eu não precisava rejeitar nada do meu histórico musical. Tinha o samba, coisa da música popular, tinha o rock, a coisa do punk... Muita gente me ouvia tocar e depois vinha falar comigo: “você era roqueiro? Notei que você coloca ali uma sujeira, tem hora que parece Black Sabbath, tem hora que parece pós-punk...” Passei a perceber que o legal era assumir tudo: a música caipira que eu ouvia quando criança, o samba, metal, punk, noise... Esse espaço na quarta-feira, no Ó do Borogodó, onde o Afromacarrônico tocava, era um espaço de experimentações. A gente improvisava muito ali no meio. E foi lá que eu conheci o Thiago França, tocamos e improvisamos juntos na primeira vez que nos topamos. Eu o chamei para participar do show da Juçara Marçal e daí surgiu o Metá Metá... Um pouco depois eu encontrei o Rodrigo Campos. E o Rodrigo Campos tem um caminho diferente, mas parecido. Ele vem do pagode dos anos 80, aquela coisa Fundo de Quintal, Zeca Pagodinho... Nos anos 90, ele passa pelo pagode, aquele bem radiofônico e meloso. Depois ele vai para onde eu fui, que foi a roda samba, tradicional e etc. E foi onde eu o conheci, mas não sabia do trabalho dele na época. Após ele ter lançado o primeiro disco dele que eu vi que

ele tinha feito um caminho parecido com o meu: de pegar a bagagem de samba e apresentá-la de um outro jeito. Hoje, o jeito que ele toca violão é bem modal. E ele não tinha essa informação que eu tive, de ouvir Miles Davis, jazz... Ele ouvia só música brasileira, no máximo um MPB, tipo Chico Buarque. E fui encontrando esse pessoal... O Thiago França quando o conheci só tocava chorinho, ele era O cara do choro. E a gente começou a entortar toda essa carga musical. Montamos um trio uma época, eu, ele e o Sérgio Machado, para fazer shows do Kiko Dinucci, era o Kiko Dinucci trio. Eu fazia uns teminhas bem curtos e ficávamos improvisando o resto. Era bem livre. Lembro que em um desses shows o Thiago disse: “nossa, foi a primeira vez que toquei sem pensar em nada, sem pensar em escala, sem pensar no tom da música”. E fui vendo o Thiago se soltando de um jeito que nunca mais teve volta. Essa turma nossa foi por um caminho muito livre. Primeiro, livre do ponto de vista de gêneros musicais. Depois, livre numa esquema de criação mesmo, de inventar na hora, de improvisar músicas no palco, de conversar, de criar composições na hora... Então, do Kiko do Clear Heads para este aqui tem esse trajeto todo. Não foi uma coisa de uma hora para outra. Fiquei comendo feijão por uns 10, 20 anos para fazer alguma coisa. (risos)

Nesses períodos de transição, quando você começou a se sentir incomodado com a rigidez dos limites dos gêneros, você deve ter passado por momentos de bastante isolamento...

Sim, total. Muito isolamento. No momento que você pensa diferente você já se isola. Você é o cordeiro que não quer seguir o

pastor. Aí tá fodido. (risos) Nietzsche já falava disso, né? (risos) E é engraçado que nesse trajeto todo, que parece solitário, eu só cheguei a algum resultado por causa dos meus parceiros. Certeza absoluta disso. Primeiro, conheço os parceiros do punk hardcore, que me apresentam todo aquele universo. Aí tudo bem, eu estou incluso no grupo. Aí, no samba, conheço o Douglas Germano que me ensina pra caramba como compor a música brasileira. Depois encontra a Juçara, Thiago, Rodrigo... Hoje, eu consigo ver que todos eles, de alguma maneira, sofriam do mesmo drama...

Do mesmo isolamento...

É. O Rômulo Fróes ficou fazendo os discos dele isolado, ele só tinha parceiro artista plástico. Ele não vivia no meio da música. Ele conhecia algumas pessoas do meio musical, mas ele era tido como um intelectual do mundo das artes. Quando ele começou a andar com a gente e diz: “achei minha galera!”. Também tinha ouvido samba pra cacete. Mas também, ao mesmo tempo, não conseguia fazer o samba tradicional, não se sentia bem fazendo samba tradicional. De repente, ele encontra o Rodrigo, eu... A gente consegue falar de samba, ouve muito samba e acha a melhor música inventada no universo, mas a gente fala de cinema, artes e não sei o quê. A gente não encontrava isso no meio do samba. O Thiago também sofria muito tocando só choro. Acho que todo mundo tinha essa coisa de procurar uma parceria, amigos, gente que pensasse mais ou menos parecido. O que é bom é que a gente não construiu um modelo fechado de fazer as coisas, não estamos presos a nenhum gênero, a nenhum movimento, a gente faz o tipo de disco que quiser... Se amanhã

eu quiser fazer um disco punk, eu faço. Se eu quiser fazer um disco de samba depois de amanhã, eu faço. Essa coisa de se desprender dos gêneros eu acho o mais legal de tudo.



Passo Torto em show em São Paulo, 2014 (Foto: Carolina Martins Tenório)

Nessas parcerias, percebo nos seus projetos um grande respeito pelas personalidades alheias. Além disso, vejo um monte de composições suas se repetindo aqui e ali. Quero entender duas coisas: como administrar o controle criativo e o embate dos egos? E como você lida com esse fluxo de composições suas que vão para lá e para cá?

É engraçado que cada configuração é de um jeito. Já teve show da Juçara em que estavam eu e o Thiago. Já teve show do Thiago em que estavam eu e a Juçara. E shows meus que estavam os dois. E nenhum desses shows era o Metá Metá tocando. Como não virar Metá Metá? Tem uma chave que aciona isso? Eu não sei dizer, é um negócio muito louco. Sobre as composições, a gente nunca tomou esse tipo de cuidado: “putz, essa música aí a gente tocou no Bando Afromacarrônico, não podemos tocar aqui”. A gente só toca, fica diferente, porque não vai ficar igual mesmo. Porque a gente não pensa muito, e se ficar legal, beleza, tá no repertório. Agora, como o Metá Metá não invadir o Passo

Torto e vice e versa? Às vezes, um é influenciado pelo outro. O *MetaL MetaL*, por exemplo, ele pega duas influências. Uma: o meu retorno à guitarra, que vem do disco do Rodrigo Campos e do Sambanzo, do Thiago França. Gravei os dois discos, tocando guitarra depois de um bom tempo. Foi uma influência definitiva no segundo disco do Metá Metá. O Thiago tinha começado a usar pedais de efeito no sax, em outro projeto, o Marginals. E ele trouxe isso pro *MetaL MetaL*. Então, sim, as bandas se influenciam de algum jeito, mas não chegam a se invadirem. Você não vai ver música do Passo Torto que vai dizer “nossa, isso é cara do Metá Metá”. É impossível pela própria configuração dos projetos. No caso do Passo Torto, a gente fez canções para a banda. Não foi algo do tipo: pega do disco do outro projeto lá e coloca neste disco aqui. Outra coisa é que a gente cria os arranjos tocando. A gente fica tocando, tocando, tocando até sair uma coisa legal.

E do ponto de vista do controle criativo?

A gente discute muito pouco. No caso desse núcleo Passo Torto/Metá Metá, a gente mal abre boca. A gente senta e diz “vamos fazer uma música, arranjo ou versão” e começa a tocar. É muito diferente de quando vou tocar com outras pessoas, quando um fala “vamos fazer uma música assim e assado” e outro levanta a mão e diz “não, acho que tem que ter uma outra coisa aí”... A gente não, a gente toca mais e fala menos. No Metá Metá, a coisa é bem distribuída entre eu, Juçara e Thiago. Não tem isso de um tomar a frente. A banda flui muito naturalmente. No Passo Torto, levamos isso até as últimas consequências. Às vezes, o Rômulo vai fazer uma música comigo e ele faz imitando

meu jeito de compor. Eu imito o jeito dele... Um vai tentando chegar até o outro de algum jeito. Tudo vai virando uma brincadeira boa. Mas é lógico que, por exemplo, no Sambanzo, sendo um trabalho do Thiago, ele toma mais a frente. No projeto do Rodrigo, ele é quem toma as decisões. O disco dele, [*Bahia Fantástica*](#), foi criado em conjunto, com todos os músicos sendo produtores. Mas a palavra final é do Rodrigo. O que acho mais legal nos discos que a gente faz é essa criação coletiva. Não tem ninguém escrevendo arranjo sozinho. É muito diferente de um gênio, como o Prince, que senta na bateria e mostra como é a batida, que pega o baixo mostra como o baixista tem que tocar... E temos a consciência de que o que faz o som sair tão diferente é a parceria mesmo, é esperar a resposta do outro, é da construção de um jeito fácil de conversar.



Dinucci, Juçara Marçal e Thiago França: o Metá Metá em ação

Eu vejo que vocês se influenciam até nas opiniões. Outro dia vi o Rômulo Fróes te citando ao dizer que “importante é não fazer uma música que seja inofensiva”. O que é uma música que não é inofensiva? Putz, é que desde que curto música eu gosto de uma coisa que seja muito visceral. Desde a música caipira que eu ouvia quando criança por causa do meu pai. O Tião Carreiro e Pardinho, por

exemplo, é áspero, é duro. Aquelas vozes, o som das violas de cordas de aço. E depois passei pelo punk que tinha a mesma coisa. Quando eu ouvi John Coltrane aquilo também mexeu comigo, aquilo não era frescura, a banda toda dando o máximo de si. Sempre gostei de pensar música desse jeito. Sempre busco alguma coisa que alfinete. Não precisa exatamente incomodar, eu não vou fazer um disco 100% dissonante, mas eu gosto de propor alguma inquietação. Alguma coisa que deixe a pessoa um pouco atormentada. Isso é uma espécie de condição para tudo que eu ouço, que eu toco ou em que eu me envolvo. Se for pra tocar mascarando chiclete e com mãozinha mole, eu não vou tocar. Tem que ter uma entrega. E acho isso é uma coisa que rola nesses trabalhos. Passamos por essa onda de indie folk, tudo soando fofinho e... Eu sou sempre da opinião de que, se cair no gênero, fodeu. Quando o cara me fala “eu faço um disco de folk”... Porra, folk, meu? Você acha que vai conseguir ser o Leonard Cohen? Não vai. Não dá pra fazer um disco, imitando uma coisa de um mundo onde você não vive. Ou copiar um sambista carioca ou... Você só pode ser você mesmo. Essa é a única coisa que eu consigo falar (risos). Meu negócio é esse. É fazer um negócio mais cru, sempre tem uma sujeira, sempre tem uma violência, intensidade. Naquela época dos anos 90, tinha que cantar inglês, que merda... E, nesse ponto, o Chico Science me abriu os olhos para isso. Mas, também, nessa mesma época, caiu na minha mão aquele disco do Timbalada, que tem a tetas pintadas na capa. É um disco foda, acho foda até hoje, ouço pra caralho até hoje. Esse disco não parece com nada, com nada que tem na Bahia, muito diferente do Olodum. Tem umas faixas experimentais, é muito louco. Eu andava com esse disco pra

cima e pra baixo. Eu mostrava esse disco pros caras do Nitrate Kid, eles achavam que eu estava enlouquecendo: “perdemos o Kiko, o cara endoidou”.

E eu comecei a prestar muita atenção nessa coisa africana. Passei a perceber que muita coisa que eu gostava nas bandas pós-punk tinha influência africana. The Clash mesmo já não era aquele punk duro, já tinha um suingue, já tinha funk... Se você pegar o primeiro EP do Sonic Youth, você vê que as baterias são muito africanas. Comecei que várias coisas que eu gostava, como Talking Heads, tinha esse flerte com a música africana. E essa investigação sobre música brasileira sempre me levava à África. De repente, você descobria o Candeia, Clementina de Jesus, Donga, João da Baiana... Sempre te levava a um território meio escondido, que era a África.



Juçara Marçal e Kiko Dinucci (Foto: Ariel Martini)

A partir de 2003 eu comecei a frequentar alguns terreiros de umbanda e candomblé, interessado em música. Daí comecei a entrar nessa coisa afroreligiosa que depois deu no documentário, que influenciou muito nas composições, e depois virei filho de santo mesmo. Então, essas células rítmicas da música africana começaram a me chamar muita atenção. Fui absorvendo isso cada vez mais. Na época que eu tocava no Bando Afromacarrônico, eu comecei a chamar esse samba militante, de raiz, meio duro. Passei a achar muito acadêmico, cheio de regrinhas... Eu falei: “Pô, cadê a África? Cadê a macumba? ”. Larguei o samba pra trás e fui procurar a África. E achei nos ritmos populares, no jongo, nos batuques de umbigada, achei nas macumbas. Isso começou a tomar conta. Música africana pop eu fui ouvir bem depois. Há pouco tempo, de cinco anos pra cá. Fui ouvir coisas de Angola, do Mali... Gosto

muito, me influencia muito. Porque eu me identifico, eu me enxergo ali. Meu jeito de tocar está muito próximo do jeito africano. Essa coisa de pegar um célula rítmica e repetir. Até o candomblé me ensinou isso. Eu toco no terreiro que eu frequento, eu sou ogan e eu percebo isso: pega-se uma célula e toca até a pessoa entrar em transe. Esse é o jeito que o africano pensa música. E o rock pegou isso. O rock, o funk, tudo isso é um pensamento que na África já era muito comum. Na África, a música pop deles, que tocava em rádio nos anos 50, era muito influenciada pela música caribenha que estava invadindo as rádios do mundo inteiro. Então, você acha muito disco do Congo e da Nigéria em que os artistas tocam rumba. Mas do jeito deles, do jeito africano. Até os primeiros discos do Fela Kuti são de rumba. Até aí tudo bem, tinha mais variações harmônicas, mas eles vão voltando para músicas de um acorde só, um ritmo que vai se repetindo, repetindo, repetindo, que, por outro lado, é muito diferente do que virou a música brasileira hoje em dia. No momento que a gente passa pela bossa nova... Bom, é muito engraçado isso... O samba carioca veio da Bahia. Se você pegar o samba tradicional do interior da Bahia — o samba do Recôncavo, o samba duro, a chula... -, você vai ver que a viola não é harmônica, ela é totalmente melódica. O tambor tá tocando e a viola tá fazendo uma frasezinha. É quase uma kalimba, é um jeito muito parecido com o da guitarra africana. Acho que no momento que esse tipo de música cai na rádio, no começo do século XX, ela passa a ser adequada para uma orquestração europeia. Então o Francisco Alves vai cantar um samba, mas vai ter uma orquestra europeia ao fundo, um jeito que ele canta o samba é meio operístico. Então, o samba vai

virando outra coisa... Beleza, até aí esse samba tradicional de rádio tinha uma malandragem nas cordas, no cavaquinho, no violão de sete cordas, nos sopros... Mas depois que passa pela bossa nova, que tem essa coisa de “podemos reharmonizar a música brasileira”... Que é o João Gilberto faz: ele pega um samba qualquer do repertório do Orlando Silva e rearmoniza a música inteira num grau de invenção absurdo. Ele rearmorniza a música inteira e a repete 15 vezes. E cada vez que ele repete a música tem caminho harmônico diferente. E as divisões são diferentes também. Mas essa coisa de adiantar ou atrasar as divisões ele pegou muito de vários malandros sambista do rádio da época., como o Ciro Monteiro, o próprio Jackson do Pandeiro... Gente que já fazia essa brincadeira. Mas o João Gilberto fazia isso num grau muito mais vanguardista.

Mas voltando ao assunto... Depois da bossa nova, a música brasileira ficou muito harmônica. Passou por Edu Lobo, passou pelos festivais... Ficou tudo assim: não bastava ser um grande melodista, não bastava mais mostrar seu samba batucando na mesa de bar, agora tem que ter uma puta harmonia. Você ouve “Águas de Março” ou “Samba de uma Nota Só”, você vê que a melodia não é a grande coisa ali, é o caminho harmônico que violão, o piano e baixo fazem é o que faz o ouvinte dizer “caramba, cara!”, é isso que te espanta. Nos anos 80, isso chegou à exaustão pela MPB. “Ah, legal! Música com um monte de harmonias e modulações!”. Uma coisa totalmente europeia. E, pra mim, foi um achado a música africana porque, num certo momento, se eu estava me achando excluído do violão brasileiro por não saber tocar daquele jeito cheio de harmonias e

modulações, que demanda que você pense em harmonia o tempo todo, super cerebral, onde o cara nem pode fechar o olho para não tirar a foco do violão... No momento que eu rejeito isso e começo fazer um acorde no violão e fazer alguma célula rítmica repetitiva, isso me aproxima da música brasileira em seu estado mais bruto, ou seja, da sua matriz africana.

Daí tem um universo rítmico que, creio eu, está em todos os meus trabalhos. Qualquer música do Passo Torto são conversinhas rítmicas. Isso que tapa o buraco de não ter nenhum tipo de percussão no trabalho. A mesma coisa acontece no Metá Metá. Eu penso o violão como um instrumento de percussão. Eu penso nas cordas e nas casas da guitarra ou do violão como se fossem pecinhas de tambores que eu vou batendo em cima. Pega o piano... O piano era para ser a coisa mais percussiva do mundo, e os caras tiram isso do piano. Tira esse aspecto percussivo do piano e encaram o instrumento com uma visão mais cartesiana, de combinação de notas. Tiram esse aspecto de kalimba. Eu pego a guitarra e fico buscando essa kalimba no instrumento para batucar notas. É só o que eu sei fazer.

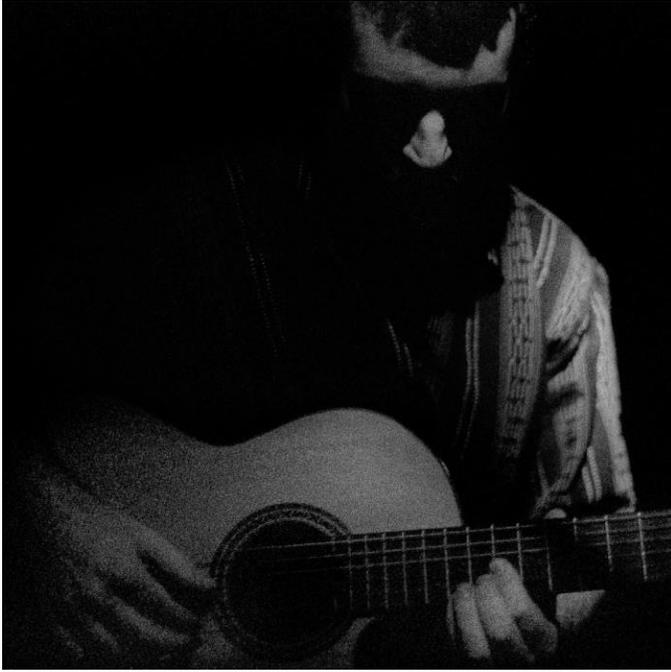
Deve ter sido muito libertador para você perceber essa base africana na música brasileira, que não tem tanta preocupação com a harmonização de notas.

Exatamente. Foi um achado. A gente, digo Passo Torto e Metá Metá, a gente tá pensando música brasileira de um jeito diferente. A gente investe muito nessa polifonia, nesse monte de vozes acontecendo ao mesmo tempo. Tudo bem, teve o Tom Zé,

o Itamar Assunção, o Arrigo Barnabé, mas não é o caminho comum da música brasileira. O caminho comum é acorde. E até os jovens, gente da minha geração, pensa muito em acorde. E é um caminho solitário esse nosso.

Foi muito legal quando descobri o trabalho do Caçapa. De repente, um cara lá de Pernambuco, de quem eu só tinha ouvido falar pela internet, me aparece com um trabalho que me faz dizer “cacete! O que esse cara está fazendo?!”. Não tinha acorde. Eram instrumentos tocando várias vozes ao mesmo tempo. Quando um acorde acontecia era porque essas vozes se encontravam. Uma coisa que na música de Bach é essencial. Bach fez isso exaustivamente. Mas, na música brasileira hoje, pouca gente faz isso.

Todas essas pessoas que orbitam em torno das bandas e projetos com os quais você está envolvido, por bem ou por mal, estão construindo um universo próprio. É, estamos construindo. Acaba que vira um gueto. É o nosso guetinho de pessoas solitárias que tinha visões muito próprias da música brasileira que acabaram se encontrando. Mas eu gostaria que fosse maior esse grupo.



Me lembra um pouco o que o No Wave fez nos EUA na década de 70: juntar pessoas para desconstruir um gênero consolidado, o rock. No caso de vocês, é o samba, ou a música brasileira, se preferir. Uma coisa meio vanguardista — uma palavra péssima — talvez. É, no momento que você se mete com uma coisa — que eu não digo que seja inédita -, mas pouco usual, acaba caindo nesse nome. Ou caindo num gênero novo. No Wave ou sei lá o quê... Às vezes, a gente brinca: “se continuarmos lançando tantos discos assim, daqui dez anos vai ter uns 20 discos que as pessoas vão dar algum nome para essa coisa toda”. Como deram para o Clube da Esquina, sei lá. Não que tenhamos essa pretensão, mas a gente tem a noção de estar fazendo uma coisa que não é muito comum. Tanto para as gerações anteriores dos anos 80 e 90 quanto na geração atual, da Nova MPB.

Tem uma questão que é perceptível nas letras é que há uma influência extramusical. Há uma presença forte afroreligiosa. E, de certa forma, você já respondeu: você pratica, frequenta terreiros de candomblé.

Sim, pratico. Mas essa coisa da temática africana aparece mais no Metá Metá, no Bando Afromacarrônico e no Padê. Que já é bastante até, são quatro discos aí. Mas no Passo Torto, eu já pego mais um outro segmento de letra, que é mais visual. Tenho essa coisa de pensar visualmente as letras. Eu monto narrativas em função de imagens. Claro que eu tenho influência literária, mas cinema e imagens falam mais alto. Quando eu penso em literatura, acho que acaba me influenciando é o João Antônio, o Nelson Rodrigues, o Plínio Marcos... E filmes são vários: cinema brasileiro, cinema marginal, Michelangelo Antonioni, um monte de coisa...

E o disco da Juçara Marçal que saiu por agora? Além de ter duas composições suas e tocar guitarra no disco, você participou da produção do disco? Você é só guitarra nesse disco? Nem chegou perto de violão? Como é que faz para tocar com a mesma turma do, por exemplo, Padê e soar muito diferente?

Juçara optou por botar o nome dela, meu e de Rodrigo como produtores, porque tínhamos que por na ficha técnica. Mas na verdade, a figura do produtor, que interfere e toma decisões sobre a obra, não teve. O que teve foi Juçara, Rodrigo e eu se encontrando para criar os arranjos, dar forma às canções, criamos juntos, depois teve a colaboração do Thomas que foi essencial. O que ajudou muito foi ter um ótimo estúdio que é o

El Rocha e contar com um profissional como Fernando Sanches para gravar, mixar e masterizar. A produção foi esse conjunto de fatores. No disco, tentei o violão e não deu certo. A guitarra me deu mais opções de timbres, texturas, climas, sons. Se você prestar atenção nas guitarras, vai perceber que elas mudam de timbres o tempo todo, criando camadas que ajudam na dinâmica da canção, com o violão isso seria impossível. Padê é um disco de 2007, somos quase outros músicos. Se você comparar a Juçara de Padê, a diferença é assustadora. Juçara passou por diversas experiências que a fez cantar diferente. Creio que enquanto ela tiver inquietude artística, essa transformação será sempre constante. Isso vale pra mim e pro Rodrigo também. O disco é apenas um polaroide seu tirado no dia de gravação, passado um mês você já mudou, se transformou, se envolveu com os acontecimentos a sua volta, então é natural que soe sempre diferente. Mas observando que pra isso ter que ter vontade, inquietude. Tem muitos artistas que se congelam no tempo, acabam virando um cover de si mesmo e luta para fazer sempre igual e muitas vezes não conseguem atingir o resultado de tempos atrás.



Você tem uma filosofia de produção de disponibilizar gratuitamente todos os seus trabalhos em formato digital. O que é algo corajoso. Você faz uma música muito diferente do que tem por aí. Paga suas contas vivendo como artista. Amarrando tudo que eu disse ao seu respeito e, somando a isso, o fato de que hoje muitos artistas dependem de editais de cultura para viver — o que muitas vezes se torna um jogo de cartas marcadas -, como é viver como artista nesse cenário todo?

Acho que inventei um jeito de viver. Uns anos atrás, eu achei que eu não ia conseguir viver com nada, que eu não ia ter absolutamente nenhum trabalho. (risos) Eu só tenho o ensino médio, não sou preparado para o mercado de trabalho nem para ser faxineiro. Se eu arrumar um trabalho comum, eu não vou conseguir sobreviver. Quando comecei a correr atrás de tocar, de tocar às quartas-feiras no Ó do Borogodó, eu morava com a minha mãe em Guarulhos na época, tomava ônibus para ir tocar...

Dormia no nosso sofá...

(Risos) Exatamente. Eu não tinha muito horizonte, não. Mas eu fui acumulando tanto trabalho que... Eu lembro que, numa época, eu estava dando aula de música numa escola da zona norte de São Paulo, e de repente a agenda de shows começou a bater com os horários de trabalho. A agenda passou a complicar o meu emprego na escola. Pensei: “porra, estou numa encruzilhada. As duas coisas estão se prejudicando, vou ter que escolher”. Tomei a atitude de mandar o emprego para as

cucuias. Fui atrás das minhas coisas e comecei a trabalhar de um jeito muito intenso. Não porque eu sou obcecado por trabalho, mas para fechar as contas no fim do mês. E mudei para São Paulo, dividi apartamento, não foi nada de uma hora para outra. E fui arrumando jeitinhos de sobreviver. Do jeito que eu apareci, parece que eu vim do nada: sair de Guarulhos para tocar em Pinheiros, num barzinho de samba. Mas, na verdade, eu tenho uma trajetória que foi construída toda aos pouquinhos, de juntar amigos e contatos no Myspace, depois juntar amigos no Facebook... Então, foi me dando uma luz de que eu poderia inventar meu jeito de sobreviver, de que esse jeito não precisa ser do jeito que os outros querem. Se eu inventei o tal do Kiko Dinucci, se eu inventei toda essa merda de gravar discos e falar que é artista, eu vou inventar várias outras coisas. Fico inventando o tempo todo, né? O Metá Metá, por exemplo, não tem empresário. A gente tinha um produtor, mas depois passamos a marcar muita coisa sozinhos. Então, hoje, não temos produtor nem empresário nenhum. A gente criou uma estrutura que os trabalhos vêm um pouco até nós, os shows aparecem. Surge convite de um lado, surge convite de outro. Outras coisas a gente vai atrás, marca. E também discoteco um dia, outro dia toco com o Metá Metá, outro dia gravo o disco da Juçara, participo do disco de não sei quem... Isso vai somando. Se em uma semana eu fizer três trabalhos desse monte que eu faço, eu vou conseguir criar uma estrutura econômica para sobreviver. Voltando ao Metá Metá, a gente não tem empresário, a gente põe nossa música de graça na Internet. Aí você pode falar: “porra, como é que vocês fazem então?!”. A gente tenta ajustar tudo no boca a boca mesmo, cada show é negociado de um

jeito... E a gente acaba indo para vários lugares do Brasil e do mundo, inclusive. Vamos achando parcerias. Um cara de Uberlândia nos chama para tocar lá numa casa para x pessoas, a gente faz as contas, vê quanto precisamos, vamos pra lá, e montamos banquinha, onde vendemos CDs, vinil... Nosso CD é R\$10, a camiseta é R\$40 e o vinil é R\$50. E daí a gente consegue outra renda. Gravamos o segundo disco com dinheiro das vendas do primeiro disco. O Metá Metá não depende de lei de incentivo, de nada. A gente criou nosso próprio circuito e estamos ampliando cada vez mais. Temos muitos amigos em várias cidades, que são pessoas legais de confiança, com quem já tocamos no ano passado e já sabemos que podemos tocar de novo neste ano. Já tem um lugarzinho garantido em Fortaleza, outro em Curitiba, Florianópolis, Salvador.. É a coisa de se inventar. Tudo é uma invenção. OK, gravei, meu disco tá lá, esse é o meu nome e o meu estilo, mas a invenção não pode ficar só nesse produto. Isso é o que eu acho mais legal da minha geração, a invenção não fica só no plano musical. Há 15, 20 anos, não era assim. Ou você fazia parte do elenco de alguma gravadora ou você não existia. Também a Internet não era o que é hoje. Há 15 anos, não teria uma Tulipa Ruiz, um Criolo... Esses artistas vêm de um meio alternativo. Mesmo que alguns tenham incentivo fiscal ou privado, todos eles vieram lá de baixo. Eu sei, eu vi todos eles tocando em barzinhos. Eles construíram a carreira deles de um jeito meio inventado, usando Myspace, usando Facebook... É uma geração que faz música alternativa brasileira. Para o tamanho do Brasil, ninguém conhece a gente. As rádios desconhecem a gente. A gente não interessa a eles. Então, criou-se esse mundo à parte que não existia 15 anos atrás. Um mundo

à parte com pessoas que já têm uma carreira consolidada, que têm respeito da crítica, coisa e tal. Tem um público, ainda que pequeno, mas que é ignorado pela mídia oficial. A mídia oficial ignorou a música brasileira como ignorou nos anos 90 também. A Rede Globo, nos anos 90, não estava tocando muita coisa da música brasileira que estava acontecendo na época.

Mas dá para viver tranquilo?

Dá pra viver. Tranquilo não. (risos) Tranquilo nunca. Tem alguns sustos às vezes porque não é certo, não é regular. Tem mês com um monte de shows, outro mês que só tem um show. Eu apelo às vezes para outros formatos, com meus desenhos, gravuras... Por exemplo, inventei de vender gravuras pela Internet. E vende. Teve dois meses consecutivos que eu eu recebi uma grana que parecia um salário. Mas de um trabalho que eu passei dez anos sem ganhar nada durante a feitura, né? É tudo muito a longo prazo. Lançamos o disco da Juçara agora. Gravamos o disco em três dias, com R\$5000 e lançamos logo. Mas dá um trabalho do cacete o processo de parir o disco e jogar na Internet. Mas eu sei que daqui meio ano vai ter um monte de shows da Juçara para tocar. Ou daqui um ano vai ter um monte de shows para fazer. É um pouco como o trabalho de um agricultor: esperar pelo tempo bom, depende de um monte de fatores. (risos) Pode vir uma praga e estragar a plantação toda. A praga vai ser a Copa neste ano. Vai ser a grande praga na nossa agricultura.

E disponibilizar os discos integralmente gratuitos na Internet? Tem valido a pena?

Tem, tem valido muito a pena. Nosso principal veículo é esse. Não tem outro veículo. Não é só redes sociais, não basta eu só criar uma conta no Facebook, tenho que ter o que mostrar no Facebook. Vou lá digo: “lancei uma música nova, tá aqui: boom!”. A gente não pode contar com rádio nem TV. Isso de disponibilizar música de graça, que num primeiro olhar parece que vai te dar prejuízo... Porque, afinal, você gastou dinheiro no disco e vai botar de graça? Ou porque você está incentivando o pensamento de que o artista não deve receber... Tem muita gente que é contra isso, principalmente as gerações mais antigas. Porém, é único meio da minha música chegar ao Amapá ou até a Finlândia. Se alguém me escreve do Amapá, dizendo que gosta da minha música, não é porque eu assinei com uma gravadora e tem um disco meu numa loja lá no Amapá. Isso não vai acontecer, esse disco não vai chegar lá nunca. Eu não sou interessante para essa indústria. Então, é o nosso único meio. A nossa rádio, a nossa TV é essa distribuição gratuita na Internet. Num primeiro momento, não dá dinheiro nenhum, mas é isso que faz as pessoas irem ao show. Que faz a gente ir tocar numa cidade da qual a gente nunca tinha ouvido falar e encontrar um grupo de gente que nos curte, que faz as pessoas chegarem nos shows cantando todas as músicas. Que faz o cara curtir o disco e ir até a gente depois do show comprar um, dois, três, quatro, cinco Cds porque é barato. E ele dá para os amigos, espalha o som. E, no fundo, você vai vendo que é uma cadeia. A melhor mídia para quem faz música alternativa hoje é isso.

Baixe os discos dos projetos de Kiko Dinucci

em: <http://kikodinucci.com.br/>



Originally published at desova.wordpress.com on March 13, 2014.

São Paulo (SAO) Fort

Data de ida: 15/11/2018 Data de volta: 22/11/2018

*Crianças entre 2

O Grito!

Curtir

Seguir [revistaogrito.com](#)

Siga

Busca no site

Faixa a Faixa: Juçara Marçal comenta Encarnado (<http://revistaogrito.com/faixa-a-faixa-jucara-marcal-comenta-encarnado/>)

RENATA ARRUDA ([HTTP://REVISTAOGRITO.COM/AUTHOR/RENATAARRUDA/](http://revistaogrito.com/autor/renataarruda/)), [x](#) [@renata_arruda](#) (www.twitter.com/renata_arruda) [x](#) 29 MAIO, 2014, 08:32

Compartilhar 0 Tweetar

WHATSAPP ([HTTPS://API.WHATSAPP.COM/SEND?TEXT=FAIXA%20A%20FAIXA%3A%20JU%20C%27ARA%20MAR%20COMENTA%20ENCARNADO%20HTTP%3A%2F%2FREVISTAOGRITO.COM%2FFAIXA-FAIXA-JUCARA-MARCAL-COMENTA-ENCARNADO%2F](https://api.whatsapp.com/send?text=FAIXA%20A%20FAIXA%3A%20JU%20C%27ARA%20MAR%20COMENTA%20ENCARNADO%20HTTP%3A%2F%2FREVISTAOGRITO.COM%2FFAIXA-FAIXA-JUCARA-MARCAL-COMENTA-ENCARNADO%2F))





(https://i2.wp.com/revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/wp-content/uploads/2014/05/jucara1_by_jose_de_holanda.jpg).

Foto: Jose de Holanda/Divulgação.

Por [Renata Arruda](http://twitter.com/renata_arruda) (http://twitter.com/renata_arruda).

Parafraçando Romulo Fróes, **Juçara Marçal** (<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/assunto/jucara-marcal>) não é nenhuma estreante. Com mais de vinte anos de carreira, onde participou de diversos projetos, entre eles o aclamado *Metá Metá* (<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/assunto/meta-meta>) (ao lado de Kiko Dinucci e Thiago França) além de colaborar com artistas como Rodrigo Campos, Emicida e Criolo, foi apenas em 2013 que bateu a “necessidade artística de propor uma brincadeira, de propor uma nova foto com os companheiros” traduzida em forma de álbum solo.

Encarnado, produzido por Fernando Sanches e lançado de maneira gratuita e independente em fevereiro deste ano (<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2014/02/18/jucara-marcal-lanca-disco-de-estreaia-solo-baixar-de-graca-encarnado/>), apresenta uma nova faceta de Juçara, em um trabalho diferente dos anteriores onde o fio condutor é a morte. Para o disco, Juçara contou com as participações de Kiko Dinucci (guitarra), [Rodrigo Campos](http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/assunto/rodrigo-campos) (<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/assunto/rodrigo-campos>) (guitarra e cavaquinho) e Thomas Rohrer (rabeça). No repertório, regravações de [Siba](http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/assunto/siba) (<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/assunto/siba>), [Tom Zé](http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/assunto/tom-ze) (<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/assunto/tom-ze>), [Gui Amabis](http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/assunto/gui-amabis) (<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/assunto/gui-amabis>), Itamar Assumpção e Douglas Germano e canções inéditas de [Romulo Fróes](http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/assunto/romulo-froes) (<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/assunto/romulo-froes>), Kiko Dinucci, Rodrigo Campos além da vinheta “Odoya”, faixa composta pela própria cantora que serve de introdução para a pungente “Ciranda do Aborto”, de Dinucci. Ao contrário de outras intérpretes, a voz de Juçara é parte ativa da criação, é peça fundamental para que as composições atinjam outro patamar, quase cortando o ouvinte feito navalha.

Juçara concordou em participar da nossa seção, respondendo a três breves perguntas sobre o álbum e comentando cada uma de suas faixas. Veja abaixo, do jeito que a cantora nos enviou.

Poderia comentar um pouco sobre o *Encarnado* e a decisão de lançar um disco solo?

foi um processo muito natural. a vontade necessidade artística de propor uma brincadeira, de propor uma nova foto com os companheiros.

Como foi o processo de escolha do repertório?

havia uma série de músicas que queria cantar. ia propondo nos ensaios, a medida q uma tomava forma, escolhia a seguinte...e assim foi.

O que *Encarnado* representa para você?

um disco, com meus companheiros, com uma sonoridade q me emociona. as guitarras inusuais de kiko e rodrigo e a rabeça arrebatadora do thomas.



Site oficial: <http://www.jucaramarcal.com/> (<http://www.jucaramarcal.com/>).

Encarnado, faixa a faixa

01. Velho Amarelo

música inédita de rodrigo campos. num dia de ensaio, ele nos mostrou a canção, feita em princípio para o disco novo q ele está fazendo...achei maravilhosa e pedi pra ele se eu podia cantar. ele deixou.

02. Damião

música de douglas germano. do disco *ori*. feita a partir do da tragédia (fato verídico) que aconteceu com damião ximenes leite, num hospital psiquiátrico do interior do ceará.

03. Queimando a Língua

parceria de romulo fróes e alice coutinho. acho especial o verso “sua boca, seu dente, e o encarnado que corta e desmente meu samba armado”. tanto q dele tirei o nome do disco.

04. Pena Mais que Perfeita

música do disco de gui amabis, memórias luso africanas. no disco ela marca a entrada do thomas – rabeca. acho especial esse momento.

05. Odoya

vinheta feita por mim, e q por isso tinha vontade de colocar no disco. não sabia se ia fazer sentido. nessa posição, como uma espécie de introdução à ciranda do aborto, fez todo sentido.

06. Ciranda do Aborto

canção maravilhosa de kiko. desde que ele me mostrou, há mais de dois anos, quis cantar. sempre tenho uma vontade imensa de chorar quando a canto. às vezes consigo controlar. às vezes não.

07. Canção Pra Ninar Oxum

música inédita de douglas. ele me mandou email com ela, dizendo q achava q ela ficaria legal comigo cantando. eu adorei a música e também quis cantar assim q ouvi. no disco, ela vem apaziguar, depois da imensa dor revelada pela ciranda.

08. E o Quico?

música de itamar q sempre me intrigou, pelas suas várias camadas, seus personagens paranóicos, extra-terrestres, seus diálogos atormentados.

09. Não Tenha Ódio no Verão

outra q assim q eu ouvi, tive vontade de cantar. adoro a ironia de seus versos.

10. A Velha da Capa Preta

escolhi essa do siba já mais pro final do processo de escolha do repertório. achei q ela casaria bem. acho genial a forma de falar da morte dessa maneira irônica e ao mesmo tempo épica: “quero me aposentar pra ganhar tranquilidade, deixando a humanidade matando no meu lugar.”

11. Presente de Casamento

parceria de thiago frança e romulo fróes. o arranjo ficou curtinho mas denso. e eu escolhi um tom pra deixar a voz mais rasgada no agudo. achei q ficou tudo bem adequado ao tema da canção.

12. João Carranca

é a última canção do disco, vem em forma de exceção num arranjo só voz e cavaquinho. eu escolhi agora um tom bem no extremo grave. também achei q as escolhas casaram bem com o tema e as personagens da canção. esse samba já tinha sido gravado antes, no disco do kiko e bando afromacarrônico.

Juçara Marçal - Encarnado - Ciranda do Aborto



Juçara Marçal - Encarnado (2014) - Completo



Categorias

[MÚSICA \(HTTP://REVISTAOGRITO.COM/MUSICA/\)](http://revistaogrito.com/musica/)

[NOVOS SONS \(HTTP://REVISTAOGRITO.COM/MUSICA/FAIXAS/\)](http://revistaogrito.com/musica/faixas/)

Tags

[ENCARNADO \(HTTP://REVISTAOGRITO.COM/ENCARNADO/\)](http://revistaogrito.com/encarnado/)

[FAIXA A FAIXA \(HTTP://REVISTAOGRITO.COM/FAIXA-A-FAIXA/\)](http://revistaogrito.com/faixa-a-faixa/)

[JUCARA MARCAL \(HTTP://REVISTAOGRITO.COM/JUCARA-MARCAS/\)](http://revistaogrito.com/jucara-marcas/)

[METÁ METÁ \(HTTP://REVISTAOGRITO.COM/META-META/\)](http://revistaogrito.com/meta-meta/)



(HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/SHARE/?URI=HTTP://WWW.REVISTAOGRITO.COM/FAIXA-A-FAIXA/&FBREF=COMPONENTE) (HTTPS://WWW.TWITTER.COM/SHARE?url=HTTP://WWW.REVISTAOGRITO.COM/FAIXA-A-FAIXA/&lang=en) (HTTPS://WWW.GPLUSONE.COM/SHARE?url=HTTP://WWW.REVISTAOGRITO.COM/FAIXA-A-FAIXA/)

U=HTTP://REVISTAOGRITO.COM/FAIXA-A-FAIXA/

[A-FAIXA-](#)

[A-FAIXA-](#)

[A-FAIXA-](#)

[A-FAIXA-](#)

[JUCARA-](#)

[JUCARA-](#)

[JUCARA-](#)

[JUCARA-](#)

[MARCAL-](#)

[MARCAL-](#)

[MARCAL-](#)

[MARCAL-](#)

[COMENTA-](#)

[COMENTA-](#)

[COMENTA-](#)

[COMENTA-](#)

[ENCARNADO/\)](#)

[ENCARNADO/\)](#)

[ENCARNADO/\)](#)

[ENCARNADO/\)](#)

R\$ 9,90

R\$ 9,90

R\$ 9,90

R\$ 11

[ARTIGO ANTERIOR \(HTTP://REVISTAOGRITO.COM/CRITICA-DISCO-FREDDIE-GIBBS-MADLIB-PINATA/\)](http://revistaogrito.com/critica-disco-freddie-gibbs-madlib-pinata/)

CRÍTICA - DISCO: FREDDIE GIBBS & MADLIB | PIÑATA (HTTP://REVISTAOGRITO.COM/CRITICA-DISCO-FREDDIE-GIBBS-MADLIB-PINATA/)

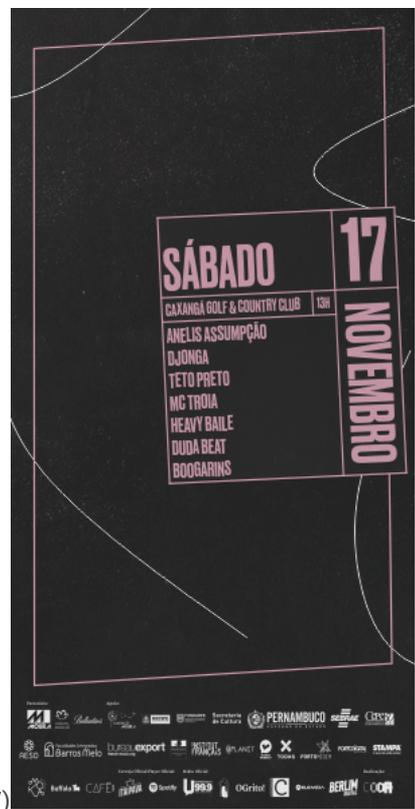
[PRÓXIMO ARTIGO \(HTTP://REVISTAOGRITO.NE10.UOL.COM.BR/JAZZMETAL/2014/05/29/ALAN-MOORE-CRIA-PLATAFORMA-DE-QUADRINHOS-DIGITAIS/\)](http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/jazzmetal/2014/05/29/alan-moore-cria-plataforma-de-quadrinhos-digitais/)

ALAN MOORE CRIA PLATAFORMA DE QUADRINHOS DIGITAIS (HTTP://REVISTAOGRITO.NE10.UOL.COM.BR/JAZZMETAL/2014/05/29/ALAN-MOORE-CRIA-PLATAFORMA-DE-QUADRINHOS-DIGITAIS/)

RENATA ARRUDA (HTTP://REVISTAOGRITO.COM/AUTHOR/RENATAARRUDA/)

Freelancer, escreve sobre cultura e atua no Rio de Janeiro. Contato: renata.arruda85@gmail.com

[\(http://www.prosaespontanea.blogspot.com.br/\)](http://www.prosaespontanea.blogspot.com.br/) [\(\(http://www.twitter.com/renata_arruda\)](http://www.twitter.com/renata_arruda) [f \(http://rearruda\)](http://rearruda) [© \(http://rearruda\)](http://rearruda)



(<http://coquetelmolotov.com.br/novo/conheca-o-lineup-completo-do-festival-no-ar-2018/>)

(<https://i0.wp.com/revistaogrito.com/wp-content/uploads/2018/10/banner-o-grito-vertical.gif>)



Curtir Página

Enviar mensagem

6 amigos curtiram isso



ASSINE A NEWSLETTER

Receba um e-mail semanal com os melhores posts e conteúdos exclusivos

ASSINAR

MAIS LIDAS



Julia, famosa criminóloga dos quadrinhos italianos, ganha nova série no Brasil (<http://revistaogrito.com/julia-famosa-criminologa-dos-quadrinhos-italianos-ganha-nova-serie-no-brasil/>)



Os 30 melhores quadrinhos de 2017 (<http://revistaogrito.com/os-30-melhores-quadrinhos-de-2017/>)



História de Malala, menina que desafiou o Talibã, ganha narrativa infantil (<http://revistaogrito.com/historia-de-malala-menina-que-desafio-o-taliba-ganha-narrativa-infantil/>)



Romero Ferro e Alice Caymmi se encontram no Rec'nPlay no Recife Antigo (<http://revistaogrito.com/romero-ferro-e-alice-caymmi-se-encontram-no-recnplay-no-recife-antigo/>)



Stan Lee trouxe dilemas morais e nuance política para os super-heróis (<http://revistaogrito.com/stan-lee-trouxe-dilemas-morais-e-nuances-politicas-para-os-super-herois/>)



(<https://amzn.to/2vtvchA>)

Publicidade

DOMÉSTICA DIARISTA

Mary Help Vila Mariana

R\$ 1.800

CUIDADOR DE IDOSOS

Confidencial

De R\$ 1.001,00 a R\$ 1.500,00

RECEPCIONISTA

Confidencial

R\$ 1.850

Publicidade



(<https://open.spotify.com/user/revistaogrito?si=fJKl1loQ2-QUk3QR3DWCw>)

Publicidade



(<http://revistaogrito.com>)

~~(<https://instagram.com/revistaogrito>)~~

MÚSICA ([HTTP://REVISTAOGRITO.COM/MUSICA/](http://revistaogrito.com/musica/)). / QUADRINHOS ([HTTP://REVISTAOGRITO.COM/QUADRINHOS/](http://revistaogrito.com/quadrinhos/)).
/ LIVROS ([HTTP://REVISTAOGRITO.COM/LIVROS/](http://revistaogrito.com/livros/)). / ARTE&DESIGN ([HTTP://REVISTAOGRITO.COM/ARTES-VISUAIS/](http://revistaogrito.com/artes-visuais/)).
/ CINEMA ([HTTP://REVISTAOGRITO.COM/CINEMA/](http://revistaogrito.com/cinema/)). / MODA ([HTTP://REVISTAOGRITO.COM/MODA/](http://revistaogrito.com/moda/)).
/ POLÍTICAS ([HTTP://REVISTAOGRITO.COM/POLITICAS/](http://revistaogrito.com/politicas/)). / HOLOFOTES ([HTTP://REVISTAOGRITO.COM/HOLOFOTES/](http://revistaogrito.com/holofotes/)).
/ O GRITO!.FM ([HTTP://REVISTAOGRITO.COM/PAGE/SESSAO/O-GRITO-FM/](http://revistaogrito.com/page/sessao/o-grito-fm/)).

RECIFE, BRASIL. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS © O GRITO! MÍDIA E PRODUÇÃO LTDA.

Heavy Metá

By **Radiola Urbana**, www.radiolaurbana.com.br

Novembro 28º, 2012

Roqueiros, tremem. Tua falta de imaginação e teus vícios encheram o saco. Agora vocês vão sentir o peso do “MetaL MetaL”. Esse é o nome do novo e segundo disco do Metá Metá - banda paulistana que estreou em 2011 e agora reaparece com aquela dose dupla de veneno que, dizem seus integrantes, tanto faz falta ao rock de hoje. “MetaL MetaL’ era uma brincadeira que fazíamos quando o show do primeiro disco começava a ficar mais agressivo. Com a necessidade de gravar um disco inteiro tocado de um modo mais pesado, assumimos o nome, que carrega uma ironia sobre o que é tocar rock hoje em dia. O rock se desgastou muito, se fechou em regras, ficou careta, reacionário. Debates sobre o rock como jeito de tocar, atitude, isso vai além de apenas um gênero”, explica Kiko Dinucci, guitarrista, violonista e compositor de seis das nove faixas do trabalho, três delas em parceria com Douglas Germano. “Metal Metal’ tem uma sonoridade que não deixa nada a dever a qualquer som de rock que eu conheço e, além disso, tem uma atitude de experimentar, de buscar a liberdade expressiva, de deixar o groove se impor e sentir o corpo entrar no transe. Há algo mais rock que isso?”, completa a cantora Juçara Marçal.



Está dado o recado: não estamos no território do ritmo quatro por quatro ou do esquema guitarra-baixo-e-bateria cada um no seu lugar marcado. Boa parte do repertório vem de cantos de louvação aos orixás (de domínio popular ou compostos por Dinucci), a polirritmia africana é uma das inspirações, o sax faz parte da cozinha e a guitarra pode tanto batucar quanto distorcer até soar como zumbido de mau contato. E a voz é um capítulo à parte. Juçara Marçal tem algo mais ali e não é só a técnica. Se no primeiro disco do Metá Metá - e outros trabalhos anteriores - chamava atenção o dom de intercalar momentos de afinação e suavidade com uma emoção de arrepiar, agora ela também explode em berros com uma autoridade e tanto. “Os meninos brincavam que iam fazer um disco inteiro só pra eu gritar. Está aí, ‘MetaL MetaL’. É muito prazeroso exercitar esse jeito mais livre de cantar. É arriscado também. Mas eu gosto de correr riscos”.

Mais novidades surgiram de um disco para o outro. O primeiro dispensava o baixo e era baseado na trinca voz, violão e sax - bateria (Sérgio Machado) e percussão (Samba Sam) somavam-se em quatro das dez faixas. Agora o sexteto está formado com os dois ritmistas e também o baixista Marcelo

Cabral, que contribui um bocado para o peso do som. “Além disso, ele cria linhas que definem bastante o groove, deixando o Kiko e eu mais livres”, explica o saxofonista Thiago França, que também acrescenta barulho, mas mais influenciado pela referência do free jazz. “Trabalho muito o lance estético de texturas e dinâmicas, às vezes até ignorando o tom em busca de algo puramente rítmico. O free jazz abriu minha cabeça pra essas possibilidades”. Outra diferença está nas seis cordas, antes somente acústicas e agora principalmente elétricas - o que remete à história pregressa do guitarrista, quando ele integrava bandas de punk rock. “A guitarra ainda está em um estágio de experimentação, procurando uma identidade que o violão já conseguiu. Apesar das limitações técnicas, ela vem ganhando um estilo próprio, punk polifônico, ‘afro noise’. É isso que estou buscando.”

A inspiração vaza nas faixas “Oya” e “Man Feri Man”. A primeira apresenta uma estrutura que é a especialidade do Metá Metá: sax, guitarra e baixo entrelaçam frases na introdução, enquanto o vocal se sobressai ao arranjo tal qual um grito de guerra. Na segunda parte, aparece o melhor “heavy metá” — uma combinação de fritação jazzística com golpes de hardcore e versos inspirados na cultura do candomblé. “Man Feri Man”, de domínio popular, surgiu primeiro no repertório do Sambanzo. A banda encabeçada por Thiago França tocou a música no show do projeto Goma-Laca, no fim de 2011 - toda a apresentação era baseada no acervo de discos 78 rotações do Centro Cultural São Paulo e esta era uma das músicas que trazia Juçara Marçal nos vocais. “O Sambanzo com a Juçara já era praticamente a mesma formação do ‘MetaL MetaL’, então foi natural. Nada foi pensado, a gente juntou as coisas que estávamos fazendo e achando legal”, lembra o saxofonista. A única diferença na formação era nas baquetas, a cargo de Wellington “Pimpa” Moreira.

O arranjo MetaL estende a letra de três frases em iorubá por um transe de mais de sete minutos levado por um riff de guitarra que fica no meio do caminho entre o pós-rock e a música africana. “Me inspirei no Mali: Ali Farka Touré, Tinariwen. Lógico que não consegui, daí saiu outra coisa”,

decifra o guitarrista. A música registra Juçara Marçal no melhor de sua interpretação. “Nessas cantigas de santo, há sempre uma força tal, um jeito de se desenrolar que parece trazer junto a simbologia, o jeito de ser do orixá que está sendo louvado ali. Há um vínculo tão grande entre a cantiga, a letra, os passos de dança, os gestos, o toque do tambor que faz com que, mesmo quem não conheça o idioma, seja mobilizado por essa força”, diz ela. “Resgatei o significado completo da letra no livro ‘Cantando Para os Orixás’, de Altair B. É uma cantiga para Oxum, orixá das águas doces. Oxum é como uma mãe primordial, está ligada à sedução, à fertilidade, ao amor incondicional.”

As regravações das faixas “Rainhas das Cabeças” e “São Jorge” talvez surpreendam menos o ouvinte mais íntimo dos outros projetos dos músicos do Metá Metá. A primeira já aparecia em “Pastiche Nagô” (2008), no disco do Bando Afromacarrônico de Dinucci; e a outra foi lançada em “Padê”, projeto que reunia Juçara e o guitarrista, gravado em 2006. Ambas, no entanto, reaparecem com uma sujeira que estava escondida debaixo do tapete nos arranjos anteriores. “As originais são muito diferentes das versões que vínhamos fazendo ao vivo, sentimos essa necessidade de registrar essas novas versões, funcionam como uma polaroide desse momento”, justifica Dinucci.

Já “Tristeza Não” (Itamar Assumpção e Alice Ruiz) é a única do disco que retoma o formato de trio, a única acústica, a única que não é de autoria de Kiko nem domínio popular. A ausência de bateria e eletricidade poderia causar a falsa impressão de que é, também, a menos rock do disco. Juçara discorda. E corrige: “é a mais metal de todas! Aquele riff de violão é para sair batendo cabeça. O Ita é um verdadeiro orixá urbano pra nós.” Roqueiros, tremem: tua concepção de rock levou um coice.

(Por Ramiro Zwetsch)

(Foto: Fernando Eduardo)

**Clique [AQUI](#) para baixar o disco!*



**Matéria publicada originalmente no Caderno 2 + Música, do O Estado de São Paulo, edição de 24/11/2012*

A Canção e seus Sentidos

Este é um espaço de apoio ao curso homônimo que ocorre em Londrina, PR, Brasil. Destina-se à escuta crítica e criativa

SÁBADO, 28 DE MAIO DE 2016

MM3, Metá Metá 2016

João de Carvalho



Imagem criada e disponibilizada por Kiko Dinucci

"Primeiramente, Fora Temer!"

Ontem saiu o novo disco do Metá Metá: MM3.

É mais um registro ao vivo, pois essa é desde o início uma das propostas do grupo. São os 3 (Kiko, Thiago e Juçara) mais o Marcelo Cabral (baixo) e o Sérgio Machado (bateria). Num exercício de desprendimento (na aceitação dos erros) em 3 dias de estúdio.

O resultado, como era esperado, ficou visceral. Mas mais do que isso, é um disco de luta, de resistência cultural. Ano passado conversei com eles aqui em Londrina. **Na entrevista** ficou nítido como o posicionamento religioso deles é também um posicionamento político. O Thiago França disse: "quando você não esconde o que você é, isso já é um ato político".

Pois bem, acontece que o golpe que foi dado na democracia brasileira utilizando-se da maquinaria midiática tradicionalmente manipuladora foi forjado por gente que não tolera a diversidade cultural e religiosa. Neste contexto o disco do Metá Metá é uma afronta direta aos valores fascistas que crescem à todo vapor em nosso tempo, em volta de nós.

São nove canções novas. E diferente dos outros dois discos onde as canções já existiam e foram arrançadas pelo trio agora elas foram compostas desde o início entre eles. O disco abre com Três Amigos, com participação de Rodrigo Campos na composição mais a Juçara e o Sérgio. O texto é aberto e agressivo como uma carta de apresentação da banda, e do disco. Uma canção pra por "os bico em choque". Quase um aviso do tipo "quem não entende que saia assustado... ou fica suave". Angoulême, a segunda faixa, vem no mesmo encaixo, com texto aberto e agressivo sonoridade agitada e surpreendente. A terceira canção do disco é A Imagem do Amor, outra pedrada. A anti-balada do disco que grita "a imagem do amor não é pra qualquer um"! Faz lembrar a lenda de Iansã, uma mulher em forma de búfalo mas que poucos podem ter o privilégio de vê-la em forma de mulher como uma das ilustrações que acompanham o disco.



Sempre comparo Kiko Dinucci à Dorival Caymmi tanto por seu talento como artista plástico como pelo uso da mitologia do candomblé, gerando canções mágicas (mágicas conforme Edgar Morin). Mano Leguá, a quarta faixa do disco, nos conecta com Exú, Orixá mal compreendido e chamados pelos perseguidores de Diabo. Kiko inclusive já produziu um documentário chamado "**A Dança das Cabaças - Exú no Brasil**" sobre este orixá fundamental dentro da cultura do candomblé. Angolana é a canção que mais explicitamente reflete as experiências da viagem que o grupo fez à África, no ano passado. O sax de Thiago França incorpora sonoridades da música do oriente médio o que amplia o lugar comum de imaginar a música africana principalmente rítmica. Em Corpo Vão, a quinta faixa, temos novamente uma canção subversiva com um final cheio de energia ideal pra fazer o público dos shows baterem cabeça. A sexta faixa é inteiramente cantada em iorubá . No arquivo de PDF com as letras, que vem compactado junto com as faixas do disco, podemos ler a tradução da letra. Osanyin é um canto pra Ossaim, o senhor das matas, dono das ervas um canto ideal para a mentalização positiva no preparo de chás e banhos.



A penúltima canção do disco é uma parceria com Siba. Toque Certo é mais que uma canção de desencontro amoroso. É o desencontro de quem não tem parada certa. **Meu Balão Vai Voar**, a última faixa do último disco do Siba - disco que Dinucci participa na linda **O Inimigo Dorme** - caracteriza um "cigano peregrino, que desconhece o lar".

Voltando à canção do Metá Metá, apesar de todo o desencontro ela acaba afirmativa: "toque certo pra onde apontar".

Lembra-me muito a sabedoria contida em outra canção de Siba "**só importa a certeza, o resto é sorte**".

Pra finalizar a escuta do álbum MM3 temos Oba Koso, um canto pra Xangô o rei da justiça. Uma faixa de 9 minutos com texto curto, como outras canções do Metá Metá, praticamente um mantra. Um mantra que prepara a alma pra guerra.



Postado por [João de Carvalho](#) às [09:31](#).



Um comentário:



Sheyla Diniz 17 de novembro de 2018 15:03

Gostei, João!!!

[Responder](#) [Excluir](#)

Adicionar comentário

Seu comentário foi publicado.

Digite seu comentário...



Comentar como: [Sheyla Diniz](#) (C ▾)

[Sair](#)

[Publicar](#)

[Visualizar](#)

[Notifique-me](#)

[Postagem mais recente](#)

[Página inicial](#)

[Postagem mais antiga](#)

Assinar: [Postar comentários \(Atom\)](#)

Tema Janela de imagem. Imagens de tema por [simonox](#). Tecnologia do [Blogger](#).



Metá Metá: uma banda sob influência

PUBLISHED AGOSTO 14, 2017 BY MAURÍCIO ANGELO



Mais que um rótulo crítico e uma necessidade questionável de classificação, o Metá Metá é a banda brasileira dos anos 10 por excelência, por competência e direito. E que bom que temos na figura do trio formado por Juçara Marçal, Kiko Dinucci e Thiago França essa espécie de *think thank* do independente brasileiro. Que bom que não só produzem boa música, mas o fazem assumindo a tradição, o legado e a influência sobretudo da música e da cultura africana. Porque não existe Brasil sem a África. São indissociáveis em absolutamente todos os campos da vida nacional. Forjado integralmente pela mão de obra escrava negra e indígena, é no conflito de colonizadores e escravizados, na tensão permanente de uma elite cretina e vil frente a esta população que, a contragosto, formou a identidade do que somos.

E não existe música brasileira sem a matiz africana. Melhor dizendo: a cultura desse país é a cultura negra, mestiça, de sincretismo inegáveis. É esse caldo denso que cozinha nossas aspirações sonoras, estéticas, líricas, estruturais. É essa essência e essa tradição que, de um jeito ou outro, passou muito tempo sendo tratado com algum desdém, de influência velada, de sambinha acadêmico e asséptico.

O Metá Metá, banda sob influência, vai na contramão dessa assepsia. Se aspira a alguma vanguarda na forma – e de fato aspira – se tem no seu seio a busca pela desconstrução do convencional e flerta com experimentações variadas, é, também, música de suor, sangue e vísceras. É das entranhas muito bem estudadas e da primazia do caos muitíssimo organizado que o trio mostra, em estúdio e no palco, essa vocação burilada pelo interesse e pela experiência. Assim são todos os shows do Metá Metá e assim foi no último Festival Criolina, em Brasília. Assim são todos os discos e todos os projetos que participam ou encabeçam para além do MM. Trabalho em construção no último grau. Sempre um *work in progress* também político e inflamado.

Metá Metá no Cultura Livre



A música deles é tão violenta, torta, hostil, ritmada, paradoxal, convidativa e colérica como o próprio povo brasileiro. No fim, Dinucci reafirma a importância da ocupação da cidade. No caso, Brasília. Conta um pouco da relação da banda com a capital do país, presta solidariedade a dona do Balaio Café, fechado por pressões reacionárias e reforça que a arte não pode nem deve ser passiva e neutra. Somos filhos da época e a época é política. Dinucci, Marçal e França, acompanhados de Marcelo Cabral e Sérgio Machado, sabem disso muito bem.

O Metá Metá faz política em cada acorde e cada letra sem cair no panfleto e na opção fácil. Foi gradativamente aumentando o peso e o tom. Lentamente se imbuindo mais e mais daquilo que querem transmitir. Penetrando na pele do ouvinte, crescendo em importância, qualidade e provocação. Incutindo uma dúvida, a própria inquietação no vocal esplêndido de Juçara, no sax de França, na guitarra de Dinucci.

Que bom que temos o Metá Metá para concretizar isso, para abrir espaço no fio da navalha, para lembrar esse país o que ele é e deixa de ser. É a melhor e mais relevante banda da atualidade. Oxalá.

Metá Metá, "MetaL MetaL", ao vivo



Maurício Angelo



— — — —
Sou jornalista e desde 2003 escrevo sobre música, cinema, literatura e outros assuntos em diversos veículos digitais e impressos. Fundei a Movin' Up em 2008. Publiquei os livros "Meu Mundo é Hoje" e "11 Rounds", de contos e "Latitude 19 & Outros Hematomas" (crônicas e poemas).

Tags: [Reviews de Shows](#)

Published in [Reviews de Shows](#)

Copyrights: CC BY-NC-ND 2.5 BR / @MOVIN UP 2008 - 2018